



APRESENTAÇÃO
DE APOIO

Amor x Ódio na Educação

1º e 2º Encontros

Pós-graduação em A Moderna Educação: metodologias, tendências e foco no aluno

EMENTA DA DISCIPLINA

Debate acerca de uma ética que entende o aluno no processo educativo como um ser no mundo e em convívio com os outros. Que percebe a educação como troca, não como imposição ou submissão, e que compreende o aprendizado e os projetos escolares como proposições para construção de novas relações do homem com o mundo e com os outros. Questões como bullying, alteridade, empatia, resiliência e compreensão das diferenças são temas de debate desta disciplina.

1º Encontro

O amor na
origem da
filosofia,
iconologia, mitos
e narrativas

Marcia Tiburi

2º Encontro

Dispositivo e
poder: Filosofia,
Desejo e
Conceito

Marcia Tiburi

3º Encontro

Como a Filosofia
Pode Ajudar a
Compreender o
Amor na
Educação?

Draiton Gonzaga

PROFESSORA CONVIDADA

MARCIA TIBURI

Marcia Tiburi é graduada em filosofia e artes e mestre e doutora em filosofia (UFRGS, 1999). Publicou diversos livros de filosofia, entre eles “As Mulheres e a Filosofia” (Ed. Unisinos, 2002), Filosofia Cinza – a melancolia e o corpo nas dobras da escrita (Escritos, 2004); “Mulheres, Filosofia ou Coisas do Gênero” (EDUNISC, 2008), “Filosofia em Comum” (Ed. Record, 2008), “Filosofia Brincante” (Record, 2010), “Olho de Vidro” (Record 2011), “Filosofia Pop” (Ed. Bregantini, 2011) e Sociedade Fissurada (Record, 2013), Filosofia Prática, ética, vida cotidiana, vida virtual (Record, 2014). Publicou também romances: Magnólia (2005), A Mulher de Costas (2006) e O Manto (2009) e Era meu esse Rosto (Record, 2012). É autora ainda dos livros Diálogo/desenho (2010), Diálogo/dança (2011), Diálogo/Fotografia (2011) e Diálogo/Cinema (2013) e Diálogo/Educação (2014), todos publicados pela editora SENAC-SP. Em 2015 publicou Como Conversar com um fascista – Reflexões sobre o Cotidiano Autoritário Brasileiro (Record, 2015). É colunista da revista Cult.

PROFESSOR PUCRS

DRAITON GONZAGA

Draiton Gonzaga de Souza é Bacharel em Filosofia e em Direito. Realizou o mestrado em Filosofia e em Direito. Concluiu o doutorado em Filosofia pela Universidade de Kassel (Alemanha), em 1998, com bolsa CAPES-DAAD. Realizou pós-doutorado na Universidade de Tübingen (Prof. Dr. Otfried Höffe) e no Hegel-Archiv, da Universidade de Bochum (Prof. Dr. Walter Jaeschke), como bolsista da Fundação Alexander von Humboldt. Recebeu, em 2003, prêmio do DAAD, e, em 2013, da Fundação Alexander von Humboldt (Humboldt-Alumuni-Preis) devido ao engajamento na cooperação acadêmica Brasil-Alemanha. É Professor Titular e Decano da Escola de Humanidades da PUCRS, atuando, na graduação e na pós-graduação, como Professor Permanente no PPG em Filosofia e no PPG em Direito da PUCRS. É Advogado, Tradutor Público e Intérprete Comercial concursado para o idioma alemão e Vice-Direitor do CDEA (Centro de Estudos Europeus e Alemães - UFRGS-PUCRS-DAAD).

O AMOR E A FILOSOFIA

Profa. Marcia Tiburi

- O amor na origem da filosofia
- Iconologia – Mitos e Narrativas
- Ideologia – dispositivo e poder
- Filosofia – Desejo e Conceito

Jovem fugindo da flecha de Eros



- Willian Adolphe Bouguerau, cerca de 1880.

Ticiano - Danaé e Eros, 1554



Johann Heinrich FUSELI - 1741-1825 Eros e Psiquê



Eros e Psiquê

- Canova, século 18.



Eros e Psiquê

François Eduard Picot, 1817.



Orfeu e Eurídice

Peter Paul Rubens 1577- 1640)



Orfeu e Eurídice – Edmond Dulac



Eco e Narciso

John William Waterhouse, 1903



Priamus e Thisbe - Ovídio



Moema, Victor Meireles, 1866



Mito da Invenção da pintura

- Plínio. História Natural
- Butades de Sícion

- Mariano Fortuny, 1858



A Arte de Amar



- *"Enquanto ainda és livre e vais onde queres com a rédea solta, escolhe aquela a quem possas dizer: "Só tu me agradas". Todavia, ela não cairá nas tuas mãos, como trazida do céu por uma brisa, terás que buscar a mulher que encantará seus olhos."*

- *"Esteja, antes de tudo, intimamente persuadido que podes conquistar todas as mulheres; e elas serão tuas; terá apenas que estender tuas armadilhas. Será mais fácil que os pássaros emudeçam na Primavera ou as cigarras no Verão, ou que o cão de Mênalo fuja diante das lebres do que uma mulher resistir à carinhosa solicitude de um homem. Aquela que tens como mais difícil de alcançar, também cederá. O amor furtivo agrada tanto ao homem quanto à mulher. Só que o homem não sabe dissimular e a mulher esconde muito melhor os seus desejos. (...) O pudor de fato tolhe a mulher de provocar certas carícias, mas agrada-lhe recebê-las, quando o outro toma a iniciativa. Sim, o homem tem em alta conta suas qualidades físicas, se espera que ela tome a iniciativa. Cabe ao varão começar, fazer as súplicas, e a ela cabe acolhê-las. Queres tê-la? Pede. Ela espera por isso. Conta-lhe a causa e a origem do teu desejo."*

- “Sócrates diz que Eros é sofista , Safo que ele é tecelão de mitos. Sócrates é perturbado por Fedro, enquanto coração de Safo é agitado por Eros, como vento na montanha, caindo sobre os carvalhos.”
- Maximus Tirius, séc 2.

Safo (630-570 a. C.)



- “Eros sacudiu o meu coração, como um vento que, descendo a montanha, se lança sobre os carvalhos.”
- “(Eros,) descendo do céu, coberto de uma clâmide de púrpura...”

- “Parece-me ser igual aos deuses esse homem que, sentado na tua frente, te ouve de perto falar docemente e rir de maneira encantadora, o que me faz saltar o coração no peito. Pois, quando te olho por um momento, já não sou capaz de dizer nada, a minha língua silenciosamente gela e imediatamente um fogo subtil corre sob a minha pele. Deixo, subitamente, de ver, os meus ouvidos zunem e um suor frio cobre o meu corpo, dominado por intenso tremor. Fico então mais verde do que a erva e pareço pouco distante de morrer. Mas tudo se deve suportar, porque...”

Miriam, Rebecca, Semiramis, Penelope, Sappho, Cleopatra, Cornelia, Phryne, Aspasia, Helen, Atalanta, Imogen and Boadicea -
Frederick Dudle Walenn, 1869-1939



Simposium



Banquete – 385 a.C.

- Banquete – 385 a.C.
- Agatão
- Erixímaco
- Fedro
- Aristófanes – Mito do Andrógino
- Sócrates
- Apolodoro
- Pausânias – Afrodite Urânia e Pandemo
- Alcibíades

- Sócrates afastando Alcibiades do Vício – Pedro Américo, 1861



Mito do Andrógino

Aristófanis:

- “Outrora a nossa natureza era diferente da que é hoje. Havia três sexos humanos e não apenas, como hoje, dois: o masculino e o feminino – mas acrescenta-se mais um, que era composto ao mesmo tempo dos dois primeiros, e o que mais tarde veio a desaparecer, deixando apenas o nome: andrógino. Este animal formava uma espécie particular e o nome hoje não passa de um insultuoso epíteto.
- Além disso, os homens possuíam formas redondas, tinham coisas e flancos a seu redor, quatro mãos e quatro pernas, duas faces semelhantes sobre o pescoço redondo, uma só cabeça para esses dois rostos opostamente colocados, quatro orelhas, dois órgãos de geração, e tudo o mais na mesma proporção.



- O homem de então caminhava ereto como o de agora, e tomava a direção que bem lhe parecia; se, acaso, desejava apressar-se, fazia como os saltimbancos que descrevem voltas no ar; lançava as pernas para cima e, apoiando-se sobre os membros, que eram oito, movimentava-se muito depressa, riscando círculos no ar.





- Três sexos havia, como disse, e isto, porque o masculino era descendente de Hélios (Sol), o feminino de Geia (Terra), e o que participa dos dois, de Selen (Lua), a qual, como se sabe, participa tanto de um como de outra.
- Esses homens eram assim esféricos, em sua forma e em sua movimentação, porque se assemelhavam a seus progenitores. Seus corpos eram robustos e vigorosos e a sua coragem muito grande. Isso inspirou-lhes audácia e resolveram escalar o céu e atacar os deuses como Homero nos relata a propósito de Efialtes e Otos.

- Zeus as demais divindades refletiram muito sobre o que poderiam fazer com os revoltosos, e se encontraram diante de um difícil problema: nem podiam exterminá-los completamente com o raio e o trovão, como haviam feito com os gigantes, e destruir por essa forma o gênero humano por inteiro – pois nesse caso os deuses ficariam privados da veneração e do culto que os homens lhes dirigiam; e nem podiam, de outro lado, permitir que os homens continuassem com as suas insolências.



- Depois de longa meditação, falou Zeus:
- “Creio que encontrei um modo de permitir que os homens existam, mas domesticados, tornando-os mais fracos: cortarei cada um deles em duas partes, e assim obteremos essa dupla vantagem: ficarão mais fracos e mais úteis, porque serão mais numerosos para nos servir. Caminharão tesos sobre duas pernas apenas. Se persistirem em revoltar-se e não quiserem ter paz, dividirei mais uma vez cada um deles em outras duas partes, e assim caminharão sobre um só pé.”
- Depois disto, Zeus cortou os homens, assim como cortamos as frutas para conservá-las ou os ovos, com um fio de cabelo, para comê-los.



- Ordenou em seguida a Apolo que curasse as feridas e que virasse o rosto dos cortados e o pescoço para o lado em que a separação havia sido feita a fim de que o homem, pela contemplação do corte, se tornasse mais humilde, e que se curasse do seu orgulho.
- Apolo deu volta ao rosto e puxou de todas as partes a pele para a região que agora chamamos de ventre, e aí, em seu centro, costurou-a assim como se costura um saco, deixando uma pequena cavidade, que é o umbigo. Depois, alisou a maior parte das rugas e afeioou o peito com um instrumento semelhante ao de que se servem os sapateiros para desfazer as rugas do couro. Deixou apenas algumas, no ventre e no umbigo, para memória do castigo.

- Assim seccionada a natureza humana, cada uma das metades pôs-se a procurar a outra. Quando se encontraram, abraçaram-se e se entrelaçaram num insopitável desejo de novamente se unirem para sempre. E assim iam morrendo de fome e de inação, porque separadas não queriam nada mais fazer. Quando uma das metades vinha então a morrer, a outra procurava encontrar uma nova metade e se enlaçava com esta, quer fosse uma metade de mulher inteira – o que hoje chamamos mulher – quer fosse uma metade de homem; e assim a raça se extinguiria aos poucos.
- Foi então que Zeus, tocada de comiseração, imaginou outro expediente: colocou os órgãos da geração na frente. Até aí esses órgãos haviam sido colocados na parte posterior, motivo por que os homens não geravam e procriavam entre si, mas faziam-no à maneira das cigarras, na terra. Ora, colocando os órgãos sexuais na frente, Zeus estabeleceu a procriação pelo homem na mulher: e quando, no amplexo, o homem encontrava uma mulher, havia concepção, e o gênero humano aumentava; quando, porém, no abraço, um homem encontrava outro homem, sobrevinha a saciedade e logo ela os enviava de novo ao trabalho e aos cuidados da vida.

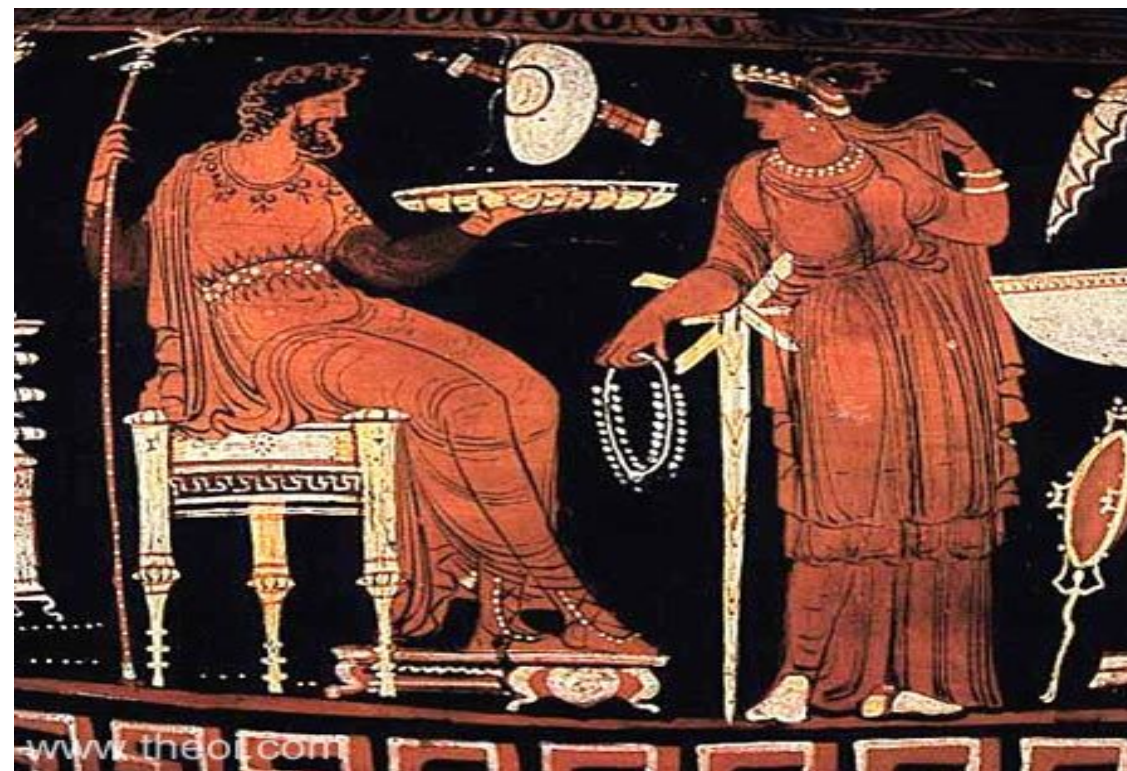
- É daí que se origina o amor que as criaturas sentem umas pelas outras; e esse amor tende a recompor a antiga natureza, procurando de dois fazer um só, e assim restaurar a antiga perfeição.
- Cada um de nós é a metade da senha de um homem, pois todos fomos divididos em dois, à semelhança do linguado: de um fizeram dois. E por isso, cada um busca a sua metade correspondente. Os homens que são hoje a metade do que outrora se chamava andrógino, são loucos por mulheres, e a esta espécie pertencem todos os adúlteros. A ela pertencem igualmente as mulheres que amam os homens e se imiscuem na vida matrimonial dos outros. As mulheres, ao contrário, que se originaram por divisão do antigo gênero feminino, não sentem nenhuma atração pelos homens, mas apenas, como é lógico, por outras mulheres – e a tal grupo pertencem as “hetairístrias” ou tríbades.



- Aqueles, porém, que são uma secção de homem ligam-se a homem, e enquanto são jovens, amam os homens e sentem grande prazer em deitar-se e serem abraçados por eles.
- Há quem pretenda que eles não têm vergonha. Não é verdade: pois, não é por impudência, mas por audácia, coragem e virilidade, que eles assim procedem, amando o que lhes é semelhante. E eis uma prova decisiva: quando atingem seu completo desenvolvimento, os jovens que possuem esta natureza, são os únicos a se portarem como verdadeiros servidores do Estado. Quando, um pouco mais velhos, praticam a pederastia e não demonstram o mínimo desejo de contrair matrimônio e de ter filhos. Se casam, fazem-no unicamente para ceder à opinião pública, que a isso os obriga, pois para eles basta apenas viver com seus amados.



- Um homem desta espécie, portanto, terá sempre de ser pederasta, e sempre enamorado da parte que lhe corresponde.
- Tanto o pederasta, como qualquer outro, quando encontram a sua metade correspondente, são transportados por uma onda de amor, de ternura e de simpatia; para tudo dizer numa palavra, não desejam estar separados nem um instante sequer. E são essas pessoas que vivem juntas toda a vida, sem conseguirem, aliás, explicar o que mutuamente esperam uma da outra; pois não parece ser o prazer dos sentidos a causa de tanto encanto em viver juntas. É evidente que a alma de cada uma deseja outra coisa que não conseguem dizer o que seja, que pressentem e às vezes exprimem de maneira misteriosa. Quando se encontram no leito uma ao lado da outra, se Hefaiostos então aparecesse com suas ferramentas e lhes perguntasse: – “Que desejais, ó homens, um do outro? Por certo não saberiam dizer. Se Hefaiostos perguntasse ainda: “Desejais, acaso, ficar no mesmo lugar, sempre juntos, inseparáveis, tanto de dia como de noite? Se quiserdes, derreter-vos-ei, e de dois fundirei um todo único. Agora, sois dois – depois sereis um único homem. Enquanto viverdes, sereis um só pela comunidade da vida; e quando morrerdes, também lá em baixo, no Hades, não deixareis de ser um em vez de dois e comum igualmente será a morte! Vêde se isso é o que efetivamente desejais, e se, obtendo-o sereis felizes?”



- Ao ouvir tais palavras, não haveria um só, creio, que dissesse não, que desejasse outra coisa. Todos, ao contrário, teriam a impressão de que acabavam de ouvir precisamente aquilo por que ansiavam há tanto tempo! Ser unido e fundido no amado! Serem apenas um!



- E a razão disso é que assim era nossa antiga natureza, pelo fato de havermos formado anteriormente um todo único. E o amor é o desejo e a ânsia dessa completação, dessa unidade.
- Antigamente, como já disse, éramos unos; mais tarde, porém, devido à maldade, fomos divididos pelo deus, assim como os árcades pelos lacedemônios. Devemos, por isso, recuar venhamos a sofrer mais uma vez outra divisão, se não soubermos cumprir os deveres que nos ligam aos deuses. Ficaríamos então semelhantes às figuras que se vêem entalhadas nas colunas, com o nariz partido em dois. Empenhemo-nos, pois, em exortar-nos mutuamente para que honremos os deuses, a fim de não caírem sobre nós tais males, e para que consigamos obter os bens dispensados por Eros, nosso guia e chefe.

- Que ninguém nada empreenda contra Eros: e contra os deuses está quem o ofende.
- Se obtivermos sua amizade e lhe conquistarmos as boas graças, haveremos de descobrir e encontrar aqueles a quem amamos, felicidade só propiciada a poucos entre os vivos.



- Cuidemos, neste ponto, de que Eriximaco não me dirija as suas ironias, insinuando que me refiro a Pausânias e Agáton. Talvez ambos pertençam a este pequeno número e sejam por natureza masculino. Não; quero referir-me em geral a todo o gênero humano, a todos os homens e mulheres: a humanidade encontraria a perfeita felicidade se abandonasse às injunções do amor, encontrando cada um o seu próprio amor, e voltando assim ao antigo estado natural.



- E se esse é o melhor ideal, melhor também será, evidentemente, dentre os homens, aquele que nas atuais circunstâncias mais dele se aproximar: ou seja, encontrar o amor que nos corresponda.
- Ao deus que isso nos propicia, todo o louvor! E com razão prestamos homenagem a Eros, a Eros que atualmente nos proporciona o maior de todos os bens e que para o futuro nos acena com as mais confortadoras esperanças. Se formos piedosos para com os nossos deuses, Eros nos conduzirá ao antigo estado natural, nos há de curar e nos assegurará a perfeita felicidade.
- Aqui tens, caro Eriximaco, a minha oração sobre Eros...”



Poros e Pênia

- "Quando nasceu Afrodite, banquetavam-se os deuses, e entre os demais se encontrava também o filho de Prudência, Poros, o esperto. Enquanto se banquetavam, aproximou-se Penia, a Penúria, para mendigar as sobras da festa, e sentou-se à porta. Embriagado pelo néctar, pois o vinho ainda não existia, Poros se encaminhou para os jardins de Zeus e lá adormeceu, dominado pela embriaguez. Foi então que Penia, em sua miséria, desejou ter um filho de Poros. Deitou-se a seu lado e concebeu a Eros, o amor. Por esse motivo é que Eros tornou-se mais tarde companheiro e servidor de Afrodite, pois foi concebido no dia em que esta nasceu. Além disso, Eros, devido à sua natureza, ama o que é belo e, como sabemos, Afrodite é bela. E por ser filho de Poros e Penia, Eros tem o seguinte fado: é pobre, e muito longe está de ser delicado e belo, como todos vulgarmente pensam.





- Eros, na realidade, é rude, é sujo, anda descalço, não tem lar, dorme no chão duro, junto aos umbrais das portas, ou nas ruas, sem leito nem conforto. Segue nisso a natureza da mãe que vive na miséria.
- Por influência da natureza que recebeu do pai, Eros dirige a atenção para tudo que é belo e gracioso: é bravo, audaz, constante e grande caçador: está sempre a deliberar e urdir maquinações, a desejar e a adquirir conhecimentos, filosofa durante toda sua vida; é grande feiticeiro, mago e sofista.

- Não vive, propriamente, nem como imortal nem como mortal. No mesmo dia, ora floresce e vive, ora morre e renasce, se tem sorte, graças aos dons recebidos pela herança paterna. Rapidamente passam pelas suas mãos os proveitos que lhe trazem a sua esperteza. Assim, nunca se encontra em completo estado de miséria, nem, tampouco, na opulência.
- Oscila, igualmente, entre a sabedoria e a tolice: devido ao seguinte motivo: nenhum dos deuses, como é claro, exerce a filosofia, ou deseja ser sábio, pois que como deus já o é; quem é sábio não filosofa; não filosofa nem deseja ser sábio, também, quem é tolo, e aí reside o maior defeito da tolice: em considerar-se como alguma coisa de perfeito, conquanto, na realidade, não seja nem justa nem inteligente. E quem não se considera incompleto e insuficiente, não deseja aquilo cuja falta não pode notar."

- Platão, Banquete, 203b

Diotima de Mantinea



O Amor medieval



Konrad von Altstetten. C. 1300



“Um homem pode bater na sua mulher, cortá-la, rachá-la de alto a baixo e aquecer os pés no seu sangue; desde que, voltando a cosê-la, ela sobreviva; ele não comete nenhum malefício contra o senhor.” Aardenburgo, séc. XIV

Guillaume d'Ascon, católico:

“Grandíssima porca (...) tu e a tua cúmplice Rixende, a mulher de Pierre Amiel de Ascou, essa grandíssima leprosa e herética, deviam ambas ser queimadas (...) E não me importava muito em arrancar o fígado e os intestinos a uma porca velha como ela!”

- Amor cortês
- Infidelidade conjugal
- Guilherme, duque da Aquitânia e conde de Poitiers (1071-1126), um dos príncipes mais poderosos do reino francês, primeiro trovador medieval: Canção do Gato Vermelho
- Cristine de Pisan
- Romance da Rosa – antimatrimonial
- Invenção do amor romântico medieval

Wolfram von Eschenbach: *Parzifal* - 1200-1210

- No castelo Gahmuret viu-se rodeado por muitas damas. A rainha em pessoa, com sua escura mão, retirou-lhe a armadura. A seguir ele foi conduzido a uma alcova magnífica, toda guarnecida de pele de zibelina. Com isso ela procurou demonstrar a elevada consideração de que ele seria alvo na intimidade. As donzelas deixaram o recinto e fecharam a porta. Ali apenas a rainha permaneceu. Embora a cor da pele de ambos fosse diferente, ela e seu querido Gahmuret entregaram-se despreocupadamente ao prazer inebriante de uma genuína paixão.



Tratado do amor - André Capelão

- Rei do Amor («rex amoris»)
- Doctor amoris
- Todo o apaixonado, antes de alcançar a amada, tem de passar por quatro fases: a de fenhador (tímido), a de -pregador (suplicante), a de entendedor (namorado) e, por fim, a de drutz (verdadeiro amante).



- I. A ligação pelo casamento não é razão suficiente para a ausência de amor.
- II. Quem não tem ciúme não pode amar.
- III. Ninguém pode estar ligado a duas pessoas por meio do amor.
- IV. E constante evidência que o amor ou cresce ou se apaga.
- V. Não é correcto que um apaixonado tome a amada contra a vontade dela.



- VI. Não é costume que um homem ame antes da plena puberdade.
- VI Viuvez durante dois anos em honra do apaixonado defunto será prescrita ao apaixonado ainda vivo.
- VIII. Ninguém sem um motivo de peso deve ser privado do amor.
- IX. Ninguém pode amar, a não ser que seja impelido pela exortação de Amor.
- X. Sempre o amor teve por hábito ser banido pela frugalidade doméstica.
- XI. Não se deve amar aquelas cujo pudor é casar.
- XII. O verdadeiro apaixonado não deseja abraços afectuosos de outra [pessoa] que não a sua amada.
- XIII. Raramente o amor tornado público costuma perdurar.



- XIV. A conquista fácil redunda num amor desprezível, [a conquista] difícil faz com que ele seja tomado com estima.
- XV. Todo o apaixonado costuma empalidecer na presença da amada.
- XVI. Perante a repentina visão da amada, o coração do apaixonado dispara.
- XVII. O amor recente obriga o velho amor a partir. . XVIII. Basta a honra para que qualquer um seja digno de amor.
- XIX. Se o amor diminui, rapidamente se perde e raras vezes convalesce.



- XX. O amoroso é sempre temeroso.
- XXI. Do verdadeiro ciúme cresce sempre o sentimento de amar.
- XXII. Da desconfiança em relação à amada cresce o ciúme e o sentimento de amar.
- XXIII. Dorme menos e come menos quem inquieta o pensamento com o amor.
- XXIV. Qualquer que seja o acto do apaixonado, ele é marcado pelo pensamento acerca da amada.
- XXV. O verdadeiro apaixonado nada julga de bom, excepto aquilo que imagine agradar à amada.



- XXVI. O amor nada pode negar ao amor.
- XXVII. O amante não pode ser satisfeito pelos carinhos da amada.
- XXVIII. A mais pequena suspeita leva o apaixonado a conjecturar [pensamentos] sinistros acerca da amada.
- XXIX. Não costuma amar aquele que é excessiva e exageradamente atormentado pela volúpia.
- XXX. O verdadeiro apaixonado é perseguido pela persistente e constante imagem da amada.
- XXXI. Nada impede uma senhora de ser amada por dois [homens] e um [homem de ser amado] por duas mulheres.»

Tribunais femininos

- Um cavaleiro divulgou desavergonhadamente os segredos de seu amor e seus casos sentimentais íntimos. Todos os que servem na cavalaria do amor pedem que tal delito seja severamente punido, para que, não deixando impune esse exemplo de traição, não seja dada aos outros ocasião de imitá-lo. Foi então reunida uma corte de damas na Gasconha, onde se decidiu por unanimidade, em disposição de validade permanente, que esse indivíduo passaria a ser privado de qualquer esperança de amor e considerado indigno e desprezível por todos, em qualquer corte de damas ou cavaleiros. E se alguma dama fosse suficientemente audaciosa para violar a disposição tomada naquela assembléia, concedendo-lhe amor, por exemplo, também será submetida para sempre à mesma pena e passaria a ser alvo da inimizade de todas as mulheres de bem

Tribunais femininos

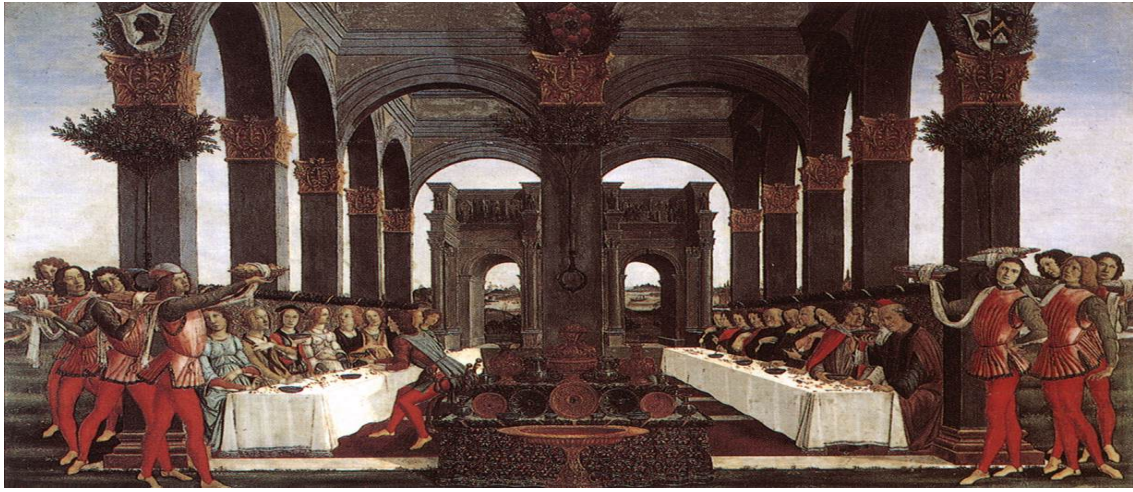
- Esse amante trapaceiro, que encontrou uma mulher digna de seus méritos, pois que não hesitou em consentir com tão grave delito, deve comprazer-se, caso assim queira, nesse amor fraudulento, e a ela caberá ficar com o amante de que é digna. Mas os dois deverão permanecer para sempre privados do amor de qualquer outra pessoa; que nem um nem outro sejam mais convidados para as assembléias de damas ou para competições de cavaleiros; pois ele pecou contra a fé da cavalaria, e ela agiu vergonhosamente e atentou contra o pudor das damas, ao aceitar o amor de um confidente.

Hugo von Werbenwag 1258-1279



A história de Nastagio Degli Onesti Boticelli (1483)





Stendhal (1783-1842)



- Amor paixão
- Amor prazer
- Amor físico
- Amor vaidade

- *Admiração*
- *Dizemos a nós mesmos: “Que prazer dar-lhe beijos, receber mimos! Etc.”*
- *Esperança.*
- *Estudamos as perfeições. É nesse momento que uma mulher deveria se entregar, de modo a conseguir o maior prazer físico possível. Mesmo entre as mulheres mais reservadas, os olhos enrubescem no momento da esperança; a paixão é tão forte, o prazer tão intenso, que ele se trai através de sinais evidentes.*
- *O amor nasceu.*



Cristalização

- *Amar é ter prazer em ver, tocar, sentir através de todos os sentidos, e de tão perto quanto possível, o objeto amável e que nos ama.*
- *Aprazemo-nos em adornar com mil perfeições a mulher de cujo amor estamos certos; elaboramos toda a nossa felicidade com uma complacência infinita. Isso consiste em exagerar alguma propriedade sublime que acaba de nos cair do céu, que não conhecíamos, mas de cuja posse estamos seguros.*





- Nas minas de sal de Salzburgo, em suas profundezas abandonadas, joga-se um galho de árvore desfolhado pelo inverno; dois ou três meses depois, ele é retirado recoberto de cristalizações cintilantes: os ramos pequenos, que não são maiores do que as patas de um chapim, estão adornados com uma infinidade de minúsculos diamantes fúlgidos e ofuscantes; não se reconhece mais o galho original.*



- *O que chamo de **cristalização** é a operação do espírito que retira de tudo o que se apresenta a descoberta de novas perfeições no objeto amado.*
- *Um viajante fala da frescura dos bosques de laranjeiras de Gênova, à beira-mar, durante os dias ardentes do verão. Você pensa no prazer de experimentar essa frescura com ela!*



- *Um companheiro seu quebra o braço durante uma caçada. E você imagina a doçura de receber os cuidados da mulher amada! Estar sempre com ela e vê-la sempre amorosa, isso quase o faria abençoar a dor; você se afasta do braço quebrado do seu amigo para não ter mais dúvidas sobre a bondade angélica da sua amante. Em suma, basta pensar em uma perfeição para vê-la em quem amamos.*
- *Esse fenômeno, que me permito chamar de cristalização, vem da natureza que nos ordena a sentir prazer e que nos envia sangue ao cérebro, do sentimento de que os prazeres aumentam com as perfeições do objeto amado, **e da ideia: ela é minha**. O homem selvagem não tem tempo de ir além do primeiro passo. Ele sente prazer, mas toda a atividade de seu cérebro é empregada para correr atrás do cervo que foge pela mata, com cuja carne ele pode recompor suas forças o mais rapidamente possível sob pena de cair sob o machado de seu inimigo.*

- *Na outra extremidade da civilização, não tenho dúvidas de que uma mulher sentimental chegue ao ponto de só encontrar prazer físico junto ao homem que ela ama. É o contrário do selvagem.*
- ***Mas, nas nações civilizadas, a mulher tem tempo de sobra, e o selvagem está tão próximo de seus negócios que é obrigado a tratar sua fêmea como uma besta de carga. Se as fêmeas de muitos animais são mais felizes, é porque a subsistência dos machos é mais segura.***
- *Mas deixemos as florestas para retornar a Paris. Um homem apaixonado vê todas as perfeições naquela que ama; no entanto sua atenção pode ainda ser distraída, pois a alma farta-se de tudo que é invariável, até mesmo da felicidade completa.*

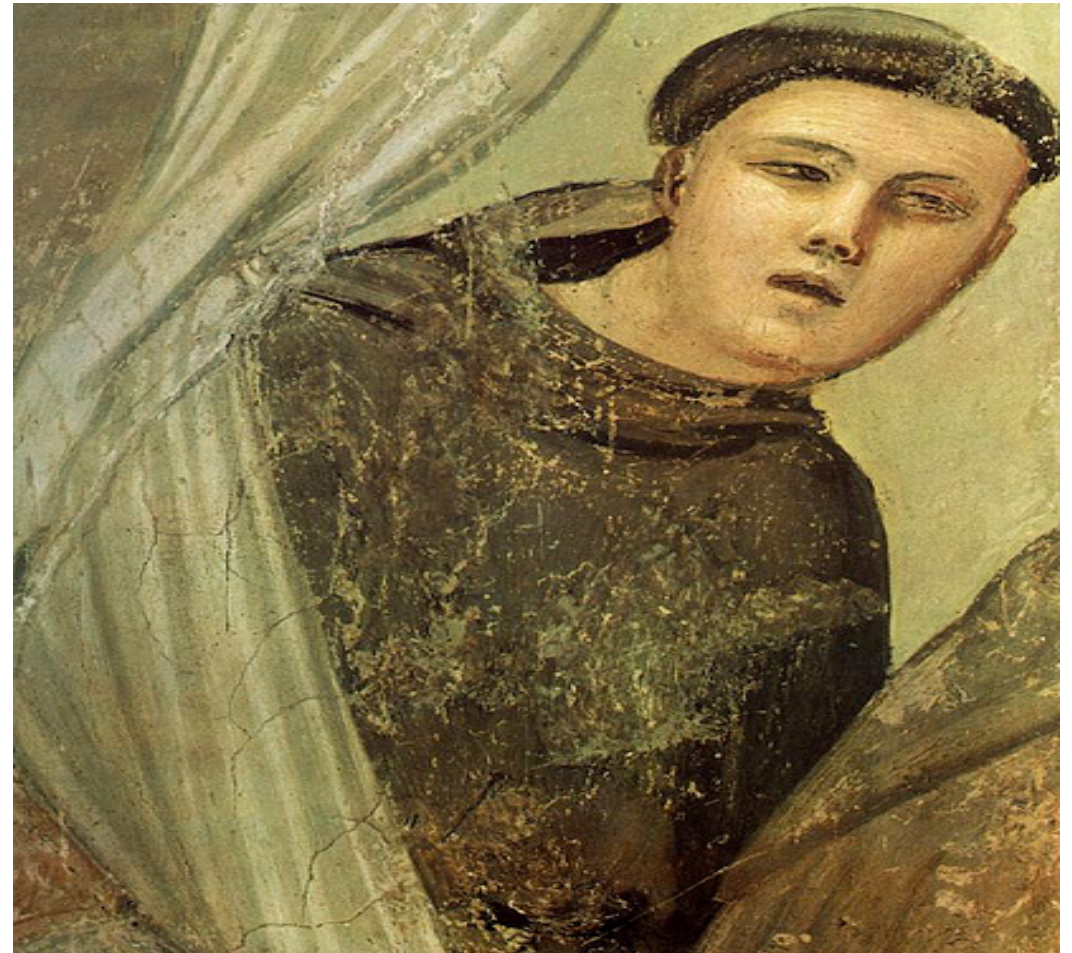


- *Eis o que sobrevém para fixar a atenção:*
- *A incerteza nasce.*
- *Depois que dez ou doze olhares – ou qualquer outra série de ações que podem durar de um momento a diversos dias – primeiro deram e depois confirmaram suas esperanças, o amante, refeito de seu primeiro espanto, acostumado agora a sua felicidade, ou guiado pela teoria que, sempre baseada nos casos mais comuns, deveria concernir apenas às mulheres fáceis, o amante quer garantias mais positivas e quer roborar sua felicidade.*
- *Mas caso demonstre excesso de segurança, ele se depara com a indiferença, a frieza ou até mesmo a cólera; na França, uma sutileza irônica parece dizer: “Você pensa que está mais avançado do que de fato está”. Uma mulher se conduz assim ou por ter despertado de um momento de embriaguez, estando pronta agora a obedecer ao pudor, ou por temer ter cometido alguma transgressão, ou simplesmente por prudência ou faceirice.*



- *O amante chega a duvidar da felicidade que se prometera; fica mais cético quanto às razões para ter esperança que acreditou ter observado,*
- *Ele quer voltar aos outros prazeres da vida, mas todos foram destruídos. O temor de uma terrível infelicidade o toma e, com ele, uma profunda introspecção.*
- *Segunda cristalização:*
- *Então começa a segunda cristalização, cujos diamantes são a confirmação desta ideia: Ela me ama.*
- *Na noite que se segue ao nascimento das incertezas, após um momento de infelicidade atroz, a cada meia hora o amante diz a si mesmo: “Sim, ela me ama”. E a cristalização recomeça a descobrir novos charmes; então uma incerteza aterrorizante apropria-se dele, e o refreia de supetão. Seu peito esquece de respirar, ele se pergunta: “Mas será que ela me ama?” Em meio a essas alternativas deliciosas e desesperadoras, o pobre amante sente vigorosamente: “Ela poderia me dar prazeres que só ela, em todo o mundo, é capaz de me proporcionar”.*

- *É a evidência dessa verdade, é esse percurso sobre a beirada mais extrema de um precipício apavorante, do qual a felicidade completa está ao alcance da mão, o que dá superioridade à segunda cristalização sobre a primeira.*
- *O amante vagueia incessantemente entre três ideias:*
- ***Ela tem todas as perfeições.***
- ***Ela me ama.***
- ***Como fazer para obter dela a maior prova de amor possível?***
- *O momento mais agonizante do amor ainda jovem é quando se percebe que desenvolvemos um raciocínio falso e que é preciso destruir toda uma parte da cristalização.*
- *Fica-se incerto quanto à própria cristalização.*



Don Juan

- Tirso de Molina: O Burlador de Sevilha ou O Convidado de Pedra, século XVII.
- Molière
- José Zorrilla: Don Juan Tenório, 1844.
- Antonio de Zamora: Não há prazo que não se cumpra.
- Lorenzo da Ponte e Mozart
- Carlo Goldoni: Don Juan ou o castigo do Libertino



E. Delacroix, O naufrágio de Don Juan, 1840.

Don Juan com Haidée
Alexandre-Marie Colin (1798-1875)



O Encontro de Don Juan com Haidée

Ford Madox Brown, 1873



Soren Kierkegaard (1813-1855)



Regine Olsen



- Como se poderia falar corretamente do amor, se Tu fosses esquecido, ó Deus do Amor, de quem provém todo o amor no céu e na terra; Tu, que nada poupaste, mas tudo entregaste em amor; Tu que és amor, de modo que o que ama só é aquilo que é por permanecer em Ti! Como se poderia falar corretamente do amor, se Tu fosses esquecido, Tu que revelaste o que é o amor; Tu, nosso salvador e reconciliador, que deste a Ti mesmo para libertar a todos! Como se poderia falar corretamente do amor, se Tu fosses esquecido, Espírito de Amor, que não reclusas nada do que é próprio Teu, mas recordas aquele sacrifício do Amor, recordas ao crente que deve amar como ele é amado, e amar ao próximo como a si mesmo! Ó, Amor Eterno, Tu que estás presente em toda parte e nunca deixas sem testemunho quando Te invocam, não deixa sem nenhum testemunho
- aquilo que aqui deve ser dito sobre o amor, ou sobre as obras do amor. Pois decerto há poucas obras que a linguagem humana denomina, específica e miudamente, obras de amor; mas no Céu certamente é assim: lá nenhuma obra pode agradar se não for uma obra de amor: sincera na abnegação, uma necessidade de amor, e justamente por isso sem a pretensão de ser meritória! (Kierkegaard, 2005, p. 18).

- “Mas Deus é amor. Quem poderia elogiar o amor melhor do que aquele que ama a Deus na verdade, pois ele se relaciona afinal da única maneira correta com o seu objeto: ele se relaciona com Deus e o faz amando de verdade.”

- “Amor é portanto carência de, busca de algo que a gente não tem, e se então amor é amor da beleza, Eros carece conseqüentemente da beleza e não a possui. Portanto, se o bem é simultaneamente o belo, então Eros carece igualmente do bem. [...] Sócrates não afasta a casca para chegar ao cerne, mas sim esvazia o cerne. [...] O abstrato de Sócrates é uma designação completamente sem conteúdo. Ele parte do concreto e chega ao que há de mais abstrato, e lá onde a investigação deveria começar, ele termina. O resultado a que ele chega é propriamente a determinação indeterminada do puro amor: amor é, pois, o adendo, que é nostalgia, busca, não é nenhuma determinação, dado que isto é meramente uma relação com uma coisa que não é dada.”

- “Quão amoroso não é confirmar e auxiliar os homens em seus amados descaminhos! Mas será que é amor enganar os homens; será que é certo que isso é amor [...]? Eu achava que amor consistiria em: ao transmitir o verdadeiro, dispor-se pessoalmente a fazer qualquer sacrifício, mas recusar-se a sacrificar a mínima parcela da verdade.”

Sacher Masoch (1936-1895)



Vênus no espelho, Ticiano, 1555.



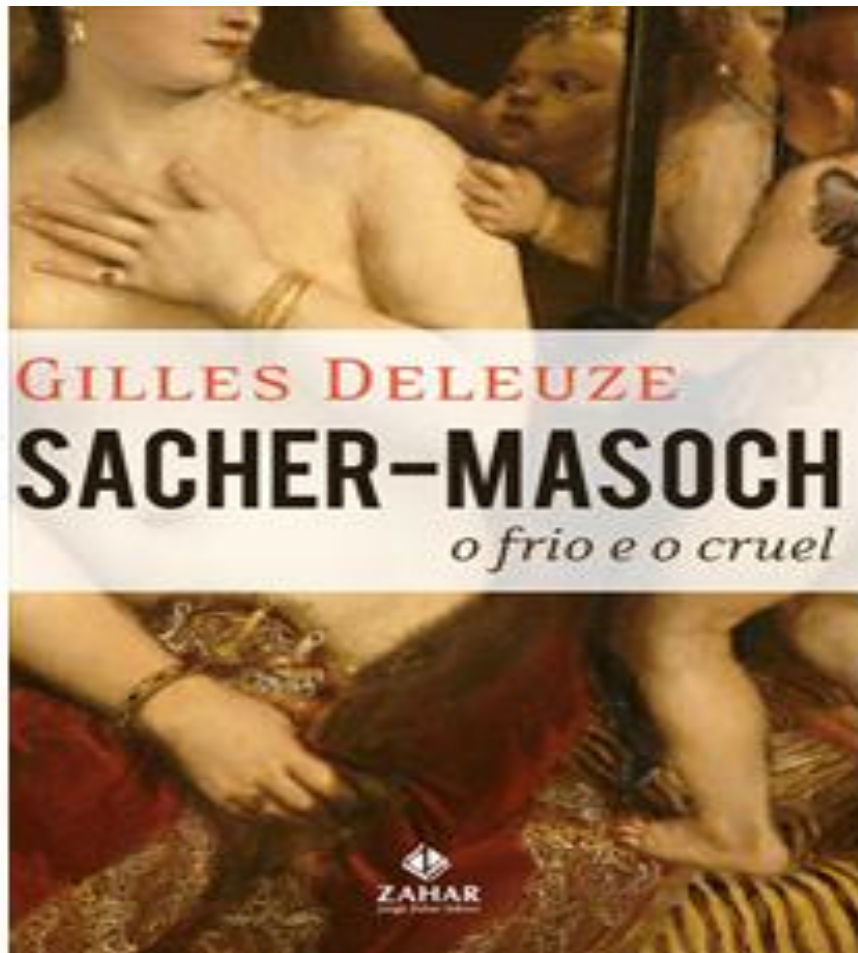
Severin von Kusiemski: Gregor
Wanda von Dunajew: Fanny Pistor, baronesa Bogdanoff



MADAME FANNY PISTOR ET SACHER-MASOCH

- “Deus castigou-o e entregou-o às mãos de uma mulher”
- Livro de Judith, XVI, cap. VII





- O uso psicológico do nome
- Qual a linguagem do poder: Sade e Sacher- Masoch
- Mulher Carrasco
- Contrato-suspense
- Desejo
- Romance de formação – romance de adestramento
- Caim

A Vênus das peles - 1870

- “Uma de suas tradutoras chegou a apresentá-lo como um moralista severo, autor de romances folclóricos e históricos, sem a menor alusão ao caráter erótico de sua obra. Sem dúvida suas fantasias passavam mais facilmente como atributos da alma eslava. E deve-se levar em conta ainda uma razão mais geral: as condições de “censura” e de tolerância no século XIX eram muito diferentes das nossas; tolerava-se mais a sexualidade difusa, com menores precisões orgânicas e psíquicas. Masoch fala uma linguagem em que o folclórico, o histórico, o político, o místico e o erótico, o nacional e o perverso, se misturam estreitamente, formando uma nebulosa para o açoitado. Foi então sem prazer algum que viu Krafft-Ebing usar o seu nome para designar uma perversão. Masoch foi um autor célebre e honrado, que fez uma viagem triunfante a Paris em 1886, foi condecorado e homenageado pelo jornal Le Figaro e pela Revue des Deux Mondes.”

O legado de Caim

- Seis temas: amor, propriedade, dinheiro, Estado, guerra e morte
- “herança de crimes e sofrimentos que pesam sobre a humanidade. Mas a crueldade é apenas uma aparência sobre um fundo mais secreto: a frieza da natureza, a estepe, a imagem gélida da mãe, em que Caim descobre seu próprio destino. E o frio dessa mãe severa é sobretudo uma transmutação da crueldade da qual sairá o novo homem. Existe, então, um “signo” de Caim que mostra como se deve usar o “legado”. De Caim a Cristo, é o mesmo signo que leva ao Homem na cruz, “sem amor sexual, sem propriedade, sem pátria, sem disputas, sem trabalho e que morre por vontade própria, personificando a ideia de humanidade”... A obra de Masoch capta as forças do romantismo alemão. Acredito que nunca escritor algum havia utilizado como ele as possibilidades da fantasia e do suspense. E com uma maneira muito particular de, ao mesmo tempo, “dessexualizar” o amor e sexualizar toda a história da humanidade.”

Giacomo Casanova (1725-1798)



Roland Barthes

EDUCAÇÃO APÓS AUSCHWITZ

Theodor Adorno

- **A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação.** De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam **que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas.**
- Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. **Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. Fala-se da ameaça de uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão.**

Elementos desesperador

- E isto que apavora. Apesar da não-visibilidade atual dos infortúnios, a **pressão social** continua se impondo. Ela impele as pessoas em direção ao que é indescritível e que, nos termos da história mundial, culminaria em **Auschwitz**. Dentre os conhecimentos proporcionados por Freud, efetivamente relacionados inclusive à cultura e à sociologia, um dos mais perspicazes parece-me ser aquele de que **a civilização, por seu turno, origina e fortalece progressivamente o que é anticivilizatório**. Justamente no que diz respeito a Auschwitz, os seus ensaios *O mal-estar na cultura* e *Psicologia de massas e análise do eu* mereceriam a mais ampla divulgação. Se a barbárie encontra-se no próprio princípio civilizatório, então pretender se opor a isso tem **algo de desesperador**.

- A **reflexão** a respeito de como evitar a repetição de Auschwitz é obscurecida pelo fato de precisarmos nos **conscientizar desse elemento desesperador**, se não quisermos cair presas da retórica idealista. Mesmo assim é preciso tentar, inclusive porque tanto a estrutura básica da sociedade como os seus **membros**, responsáveis por termos chegado onde estamos, **não mudaram nesses vinte e cinco anos**. Milhões de pessoas inocentes ---- e só o simples fato de citar números já é humanamente indigno, quanto mais discutir quantidades foram assassinadas de uma maneira planejada. **Isto não pode ser minimizado por nenhuma pessoa viva como sendo um fenômeno superficial, como sendo uma aberração no curso da história, que não importa, em face da tendência dominante do progresso, do esclarecimento, do humanismo supostamente crescente. O simples fato de ter ocorrido já constitui por si só expressão de uma tendência social imperativa.**

Genocídio

- Nesta medida gostaria de remeter a um evento, que de um modo muito sintomático parece pouco conhecido na Alemanha, apesar de constituir a temática de um *best-seller* como *Os quarenta dias de Musa Dagh*, de Werfel. Já na Primeira Guerra Mundial os turcos - o assim chamado movimento turco jovem dirigido por Enver Pascha e Talaat Pascha - **mandaram assassinar mais de um milhão de armênios. Importantes quadros militares e governamentais, embora, ao que tudo indica, soubessem do ocorrido, guardaram sigilo estrito. O genocídio tem suas raízes naquela ressurreição do nacionalismo agressor que vicejou em muitos países a partir do fim do século XIX.**

Brasília, 2014 – Genocídio e Suicídio indígenas

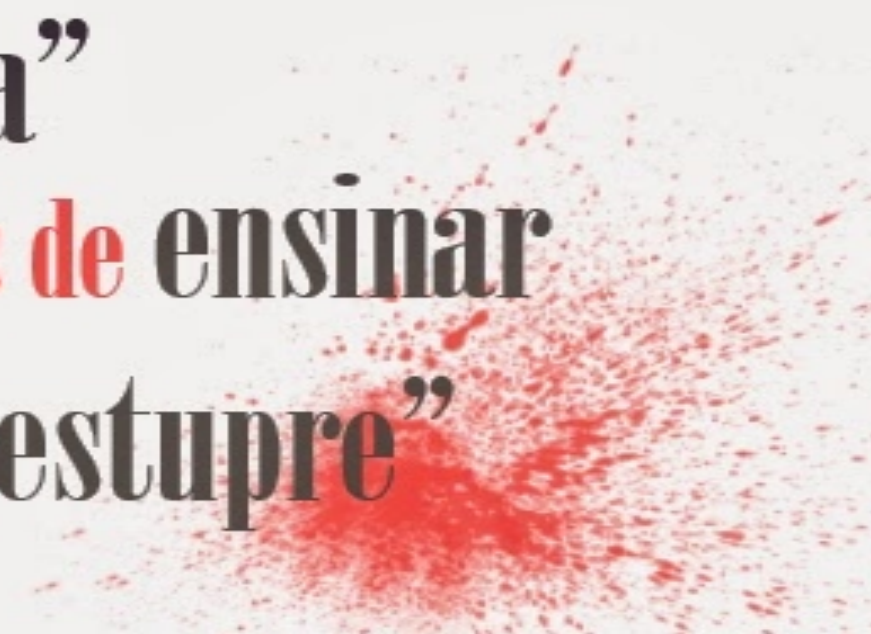


- Além disso não podemos evitar ponderações no sentido de que a **invenção da bomba atômica**, capaz de matar centenas de milhares literalmente de um só golpe, insere-se **no mesmo nexó histórico que o genocídio**. Tornou-se habitual chamar o aumento súbito da população de explosão populacional: parece que a fatalidade histórica, para fazer frente à explosão populacional, dispõe também de contra-explosões, o **morticínio de populações inteiras**. Isto só para indicar como **as forças às quais é preciso se opor integram o curso da história mundial**.

- Como hoje em dia é extremamente limitada a possibilidade de mudar os pressupostos objetivos, isto é, sociais e políticos que geram tais acontecimentos, as tentativas de se contrapor à repetição de Auschwitz são impelidas necessariamente para o lado subjetivo.
- Com isto refiro-me sobretudo também à psicologia das pessoas que fazem coisas desse tipo. Não acredito que adianta muito apelar a valores eternos, acerca dos quais justamente os responsáveis por tais atos reagiriam com menosprezo; também não acredito que o esclarecimento acerca das qualidades positivas das minorias reprimidas seja de muita valia. **É preciso buscar as raízes nos perseguidores e não nas vítimas, assassinadas sob os pretextos mais mesquinhos.** Torna-se necessário o que a esse respeito uma vez denominei de **inflexão em direção ao sujeito.**

Cultura do estupro

a sociedade ensina
“não seja estuprada”
ao invés de ensinar
“não estupe”

A red splatter graphic, resembling blood, is located on the right side of the text, extending from the middle of the page down to the bottom.

- É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, **procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos.** Os culpados não são os assassinados, nem mesmo naquele sentido caricato e sofista que ainda hoje seria do agrado de alguns. Culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aqueles seu ódio e sua fúria agressiva. E necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. **A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica.**

- Contudo, na medida em que, conforme os ensinamentos da psicologia profunda, todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância, **a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira infância**. Já mencionei a tese de Freud acerca do mal-estar na cultura. Ela é ainda mais abrangente do que ele mesmo supunha: sobretudo porque, entretanto, a pressão civilizatória observada por ele multiplicou-se em uma escala insuportável. Por essa via as tendências à explosão a que ele atentara atingiriam uma violência que ele dificilmente poderia imaginar. porém o mal-estar na cultura tem seu lado social ---- o que Freud sabia, embora não o tenha investigado concretamente. É possível falar da claustrofobia das pessoas no mundo administrado, um sentimento de encontrar-se enclausurado numa situação cada vez mais socializada, como uma rede densamente interconectada. Quanto mais densa é a rede, mais se procura escapar, ao mesmo tempo em que precisamente a sua densidade impede a saída. Isto aumenta **a raiva contra a civilização**. Esta torna-se alvo de uma rebelião violenta e irracional.

tendências de desagregação

- Um esquema sempre confirmado na história das perseguições é o de que **a violência contra os fracos se dirige principalmente contra os que são considerados socialmente fracos e ao mesmo tempo ---- seja isto verdade ou não - felizes.**
- De uma perspectiva sociológica eu ousaria acrescentar que **nossa sociedade, ao mesmo tempo em que se integra cada vez mais, gera tendências de desagregação.** Essas tendências encontram-se bastante desenvolvidas logo abaixo da superfície da vida civilizada e ordenada. **A pressão do geral dominante sobre tudo que é particular, os homens individualmente e as instituições singulares, tem uma tendência a destruir o particular e individual juntamente com seu potencial de resistência.** Junto com sua identidade e seu potencial de resistência, as pessoas também perdem suas **qualidades**, graças a qual têm a capacidade de se contrapor ao que em qualquer tempo novamente seduz ao crime. **Talvez elas mal tenham condições de resistir quando lhes é ordenado pelas forças estabelecidas que repitam tudo de novo, desde que apenas seja em nome de quaisquer ideais de pouca ou nenhuma credibilidade.**

- Quando falo de **educação após Auschwitz**, refiro-me a duas questões: primeiro, à **educação infantil**, sobretudo na primeira infância; e, além disto, ao **esclarecimento geral**, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição; portanto, **um clima em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes**. Evidentemente não tenho a pretensão de sequer esboçar o projeto de uma educação nesses termos. Contudo, quero ao menos indicar alguns pontos nevrálgicos. Com frequência por exemplo, nos Estados Unidos - o espírito germânico de **confiança na autoridade** foi responsabilizado pelo nazismo e também por Auschwitz. Considero esta afirmação excessivamente superficial, embora na Alemanha, como em muitos outros países europeus, comportamentos autoritários e autoridades cegas perdurem com mais tenacidade sob os pressupostos da democracia formal do que se queira reconhecer. **Antes é de se supor que o fascismo e o horror que produziu se relacionam com o fato de que as antigas e consolidadas autoridades do império haviam ruído e se esfacelado, mas as pessoas ainda não se encontravam psicologicamente preparadas para a autodeterminação.**

- **Elas não se revelaram à altura da liberdade com que foram apresentadas de repente.** É por isso que as estruturas de autoridade assumiram aquela dimensão destrutiva e ---- por assim dizer de desvario que antes, ou não possuíam, ou seguramente não revelavam. Quando lembramos que visitantes de quaisquer potentados, já politicamente desprovidos de qualquer função real, levam populações inteiras a explosões de êxtase, então se justifica a suspeita de que o potencial autoritário permanece muito mais forte do que o imaginado. **Porém quero enfatizar com a maior intensidade que o retorno ou não retorno do fascismo constitui em seu aspecto mais decisivo uma questão social e não uma questão psicológica.** Refiro-me tanto ao lado psicológico somente porque os demais momentos, mais essenciais, em grande medida escapam à ação da educação, quando não se subtraem inteiramente à interferência dos indivíduos.



- Frequentemente pessoas bem-intencionadas e que se opõem a que tudo aconteça de novo citam o conceito de **vínculos de compromisso**. A ausência de compromissos das pessoas seria responsável pelo que aconteceu. Isto efetivamente tem a ver com a **perda da autoridade, uma das condições do pavor sadomasoquista**. É plausível para o entendimento humano sadio evocar compromissos que detenham o que é sádico, destrutivo, desagregador, mediante um enfático "não deves".
- Ainda assim considero ser uma ilusão imaginar alguma utilidade no apelo a vínculos de compromisso ou até mesmo na exigência de que se reestabeleçam vinculações de compromisso para que o mundo e as pessoas sejam melhores. A falsidade de compromissos que se exige somente para que provoquem alguma coisa - mesmo que esta seja boa -, sem que eles sejam experimentados por si mesmos como sendo substanciais para as pessoas, percebe-se muito prontamente. E espantosa a rapidez com que até mesmo as pessoas mais ingênuas e tolas reagem quando se trata de descobrir as fraquezas dos superiores.
Facilmente os chamados compromissos convertem-se em **passaporte moral** - são assumidos com o objetivo de identificar-se como cidadão confiável ou então produzem rancores raivosos psicologicamente contrários à sua destinação original.

- Eles significam uma **heteronomia**, um tornar-se dependente de mandamentos, de normas que não são assumidas pela razão própria do indivíduo. O que a psicologia denomina superego, a consciência moral, é substituído no contexto dos compromissos por autoridades exteriores, sem compromisso, intercambiáveis, como foi possível observar com muita nitidez também na Alemanha depois da queda do Terceiro Reich. **Porém justamente a disponibilidade em ficar do lado do poder, tomando exteriormente como norma curvar-se ao que é mais forte, constitui aquela índole dos algozes que nunca mais deve ressurgir.** Por isto a recomendação dos compromissos é tão fatal. As pessoas que os assumem mais ou menos livremente são colocadas numa espécie de permanente estado de exceção de comando. **O único poder efetivo contra o princípio de Auschwitz seria autonomia, para usar a expressão kantiana; o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não-participação.**

Gerhardt Richter, Party, 1963



perigo

- Certa feita uma experiência me assustou muito: numa viagem ao lago de Constância, eu lia num jornal de Baden em que se informava acerca da peça *Mortos sem sepultura*, de Sartre, que representa as situações mais terríveis. A peça incomodava visivelmente o crítico. Mas ele não explicou este incômodo mediante o horror da coisa que constitui o horror de nosso mundo, mas torceu a questão como se, frente a uma posição como a de Sartre, que se ocupara do problema, nós tivéssemos, por assim dizer, um sentido para algo mais nobre: que não poderíamos reconhecer a ausência de sentido do horror. Resumindo: o crítico procurava se subtrair ao confronto com o horror graças a um sofisticado palavreiro existencial. **O perigo de que tudo aconteça de novo está em que não se admite o contato com a questão. Rejeitando até mesmo quem apenas a menciona, como se, ao fazê-lo sem rodeios, este se tomasse o responsável, e não os verdadeiros culpados.**

insucesso da desbarbarização

- Em relação ao problema de **autoridade** e **barbárie** considero importante um aspecto que geralmente passa quase despercebido. Ele é mencionado numa observação do livro *O Estado da SS*, de Eugen Kogon, que contém abordagens importantes deste todo complexo e que não recebeu a atenção merecida por parte da ciência e da pedagogia. **Kogon afirma que os algozes do campo de concentração em que ele mesmo passou anos eram em sua maioria jovens filhos de camponeses. A diferença cultural ainda persistente entre a cidade e o campo constitui uma das condições do horror, embora certamente não seja nem a única nem a mais importante.** Repudio qualquer sentimento de superioridade em relação à população rural. Sei que ninguém tem culpa por nascer na cidade ou se formar no campo. **Mas registro apenas que provavelmente no campo o insucesso da desbarbarização foi ainda maior.**

Andrew Huang, Doll Face



televisão

- Mesmo a **televisão** e os outros meios de comunicação de massa, ao que tudo indica, não provocaram muitas mudanças na situação de defasagem cultural. Parece-me mais correto afirmar isto e procurar uma mudança do que elogiar de uma maneira nostálgica quaisquer qualidades especiais da vida rural ameaçadas de desaparecer. **Penso até que a desbarbarização do campo constitui um dos objetivos educacionais mais importantes.** Evidentemente ela pressupõe um estudo da consciência e do inconsciente da respectiva população. Sobretudo é preciso atentar ao impacto dos modernos meios de comunicação de massa sobre um estado de consciência que ainda não atingiu o nível do liberalismo cultural burguês do século XIX.

- Para mudar essa situação, o sistema normal de escolarização, frequentemente bastante problemático no campo, seria insuficiente. Penso numa série de possibilidades. Uma seria - e estou improvisando - o planejamento de transmissões de **televisão** atendendo pontos nevrálgicos daquele peculiar **estado de consciência**. Além disto, imagino a formação de grupos e colunas educacionais móveis de voluntários que se dirijam ao campo e procurem preencher as lacunas mais graves por meio de **discussões, de cursos e de ensino suplementar**. Naturalmente sei que dificilmente essas pessoas serão muito bem-vistas. Mas com o passar do tempo se estabelecerá um pequeno círculo que se imporá e que talvez tenha condições de se irradiar.

- Entretanto não deve haver nenhum mal-entendido quanto à inclinação arcaica pela violência existente também nas cidades, principalmente nos grandes centros. Tendências de regressão ou seja, pessoas com traços sádicos reprimidos são produzidas por toda parte pela tendência social geral. Nessa medida quero lembrar a **relação perturbada e patogênica com o corpo** que Horkheimer e eu descrevemos na *Dialética do esclarecimento*. Em cada situação em que a **consciência é mutilada**, isto se reflete sobre o corpo e a esfera corporal de uma **forma não-livre e que é propícia à violência**. Basta prestar atenção em um certo tipo de pessoa inculta como até mesmo a sua linguagem -- principalmente quando algo é criticado ou exigido se torna ameaçadora, como se os gestos da fala fossem de uma violência corporal quase incontrolada. Aqui seria preciso estudar também **a função do esporte** que ainda não foi devidamente reconhecida por uma psicologia social crítica.

- O **esporte** é ambíguo: por um lado, ele pode ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por intermédio do *fairplay*, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas de suas modalidades e procedimentos, **ele pode promover a agressão, a brutalidade e o sadismo, principalmente no caso de espectadores que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos. É preciso analisar de uma maneira sistemática essa ambigüidade.** Os resultados teriam que ser aplicados à vida esportiva na medida da influência da educação sobre a mesma.



- Tudo isso se relaciona de um modo ou outro à velha estrutura vinculada à autoridade, a modos de agir ---- eu quase diria do **velho e bom caráter autoritário**. Mas aquilo que gera Auschwitz, os tipos característicos ao mundo de Auschwitz, constituem presumivelmente **algo de novo**. Por um lado, eles **representam a identificação cega com o coletivo**. Por outro, são talhados para manipular massas, coletivos, tais como os Himmler, Höss, Eichmann.
- **Considero que o mais importante para enfrentar o perigo de que tudo se repita é contrapor-se ao poder cego de todos os coletivos, fortalecendo a resistência frente aos mesmos por meio do esclarecimento do problema da coletivização.** Isto não é tão abstrato quanto passa parecer ao entusiasmo participativo, especialmente das pessoas jovens, de consciência progressista. O ponto de partida poderia estar no sofrimento que os coletivos infligem e se filiam a eles. Basta pensar nas primeiras experiências de cada um na escola.

- É preciso se opor àquele tipo de *folk-ways*, **hábitos populares, ritos de iniciação de qualquer espécie**, que infligem dor física muitas vezes insuportável - a uma pessoa como preço do direito de ela se sentir um filiado, um membro do coletivo. A brutalidade de hábitos tais como os **troles** de qualquer ordem, ou quaisquer outros costumes arraigados desse tipo, é precursora imediata da violência nazista. **Não foi por acaso que os nazistas enalteceram e cultivaram tais barbaridades com o nome de "costumes". Eis aqui um campo muito atual para a ciência.** Ela poderia inverter decididamente essa tendência da etnologia encampada com entusiasmo pelos nazistas, para refrear esta sobrevida simultaneamente brutal e fantasmagórica desses **divertimentos populares**.



- Tudo isso tem a ver com um pretenso ideal que desempenha um papel relevante na educação tradicional em geral: a **severidade**. Esta pode até mesmo remeter a uma afirmativa de Nietzsche, por mais humilhante que seja e embora ele na verdade pensasse em outra coisa. Lembro que durante o processo sobre Auschwitz, em um de seus acessos, o terrível Boger culminou num elogio à educação baseada na **força e voltada à disciplina**. Ela seria necessária para constituir o tipo de homem que lhe parecia adequado. Essa **ideia educacional da severidade, em que irrefletidamente muitos podem até acreditar, é totalmente equivocada**. A ideia de que a **virilidade** consiste num grau máximo da capacidade de suportar dor de há muito se converteu em fachada de um masoquismo que como mostrou a psicologia se identifica com muita facilidade ao **sadismo**.

A Fita Branca, Michael Haneke, 2011



- O elogiado objetivo de "**ser duro**" de uma tal educação significa indiferença contra a dor em geral. No que, inclusive, nem se diferencia tanto a dor do outro e a dor de si próprio. Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir. Tanto é necessário tornar consciente esse mecanismo quanto se impõe a promoção de uma educação que não premia a dor e a capacidade de suportá-la, como acontecia antigamente. Dito de outro modo: a educação precisa levar a sério o que já de há muito é do conhecimento da filosofia: que o **medo** não deve ser reprimido. **Quando o medo não é reprimido, quando nos permitimos ter realmente tanto medo quanto esta realidade exige, então justamente por essa via desaparecerá provavelmente grande parte dos efeitos deletérios do medo inconsciente e reprimido.**

- Pessoas que se enquadram cegamente em coletivos convertem a si próprios em algo como um material, **dissolvendo-se como seres autodeterminados. Isto combina com a disposição de tratar outros como sendo uma massa amorfa.** Para os que se comportam dessa maneira utilizei o termo "caráter manipulador" em *Authoritarian personality* (A personalidade autoritária), e isto quando ainda não se conhecia o diário de Höss ou as anotações de Eichmann. Minhas descrições do caráter manipulador datam dos últimos anos da Segunda Guerra Mundial. Às vezes a psicologia social e a sociologia conseguem construir conceitos confirmados empiricamente só muito tempo depois.

- **O caráter manipulador**, e qualquer um pode acompanhar isto a partir das fontes disponíveis acerca desses líderes nazistas - **se distingue pela fúria organizativa, pela incapacidade total de levar a cabo experiências humanas diretas, por um certo tipo de ausência de emoções, por um realismo exagerado.** A qualquer custo ele procura praticar uma pretensa, **embora delirante, *realpolitik*.** Nem por um segundo sequer ele imagina o mundo diferente do que ele é, possesso pela vontade de *doing things*, de fazer coisas, indiferente ao conteúdo de tais ações. Ele faz do ser atuante, da atividade, da chamada *efficiency* enquanto tal, um culto, cujo eco ressoa na **propaganda do homem ativo.** Este tipo encontra-se, entretanto a crer em minhas observações e generalizando algumas pesquisas sociológicas ----, muito mais disseminado do que se poderia imaginar.



- O que outrora era exemplificado apenas por alguns monstros nazistas pode ser constatado hoje a partir de casos numerosos, como delinqüentes juvenis, líderes de quadrilhas e tipos semelhantes, diariamente presentes no noticiário. Se fosse obrigado a resumir em uma fórmula esse tipo de **caráter manipulador** o que talvez seja equivocado embora útil à compreensão eu o denominaria de o tipo da **consciência coisificada**. No começo as pessoas desse tipo se tornam por assim dizer iguais a coisas. Em seguida, na medida em que o conseguem, tornam os outros iguais a coisas. Isto é muito bem traduzido pela expressão *aprontar*, que goza de igual popularidade entre os valentões juvenis e entre os nazistas. Esta expressão *aprontar* define as pessoas como sendo coisas aprontadas em seu duplo sentido.



- Conforme Max Horkheimer, a **tortura é a adaptação controlada e devidamente acelerada das pessoas aos coletivos**. Algo disso encontra-se no espírito da época, por menos procedente que seja falar em espírito nesses termos. Enfim, resumirei citando Paul Valéry, que antes da última Guerra Mundial disse que a **desumanidade** teria um grande futuro. É particularmente difícil confrontar esta questão porque aquelas **pessoas manipuladoras**, no fundo **incapazes de fazer experiências**, por isto mesmo revelam traços de **incomunicabilidade**, no que se identificam com certos **doentes mentais ou personalidades psicóticas**.

Camboja



- Nas tentativas de atuar contrariamente à repetição de Auschwitz pareceu-me fundamental produzir inicialmente uma certa clareza acerca do modo de constituição do **caráter manipulador**, para em seguida poder impedir da melhor maneira possível a sua formação, pela transformação das condições para tanto. Quero fazer uma proposta concreta: utilizar todos os métodos científicos disponíveis, em especial psicanálise durante muitos anos, para estudar os culpados por Auschwitz, visando se possível descobrir como uma pessoa se torna assim. O que aqueles ainda podem fazer de bom é contribuir, em contradição com a própria estrutura de sua personalidade, no sentido de que as coisas não se repitam. E essa contribuição só ocorreria na medida em que colaborassem na investigação de sua gênese. Obviamente seria difícil levá-los a falar; em nenhuma hipótese poder-se-ia aplicar qualquer procedimento semelhante a seus próprios métodos para aprender como eles se tornaram do jeito que são. De qualquer modo, entrementes eles se sentem justamente em seu coletivo, com a sensação de que todos são velhos nazistas -- tão protegidos, que praticamente nenhum demonstrou nem ao menos remorsos. Porém presumivelmente também neles, ou em alguns deles, existem pontos de apoio psicológicos mediante os quais seria possível mudar isto, como, por exemplo, seu **narcisismo**, ou, dito simplesmente, seu **orgulho**.

- Eles se sentirão importantes ao poder falar livremente a seu respeito, tal como Eichmann, cujas falas aparentemente preenchem fileiras inteiras de volumes. Finalmente, é de supor que também nessas pessoas, aprofundando-se suficientemente a busca, existam **restos da velha instância da consciência moral que se encontra atualmente em grande parte em processo de dissolução**. Na medida em que se conhecem as condições internas e externas que os tornaram assim pressupondo por hipótese que esse conhecimento é possível, seria possível tirar conclusões práticas que impeçam a repetição de Auschwitz. A utilidade ou não de semelhante tentativa só se mostrará após sua concretização; não pretendo superestimá-la. É preciso lembrar que as pessoas não podem ser explicadas automaticamente a partir de condições como estas. Em condições iguais alguns se tornaram assim, e outros de um jeito bem diferente. Mesmo assim valeria a pena.

- **O mero questionamento de como se ficou assim já encerraria um potencial esclarecedor.** Pois um dos momentos do estado de consciência e de inconsciência daninhos está em que seu ser-assim que se é de um determinado modo e não de outro ---- é apreendido equivocadamente como **natureza**, como um dado imutável e não como **resultado de uma formação**. **Mencionei o conceito de consciência coisificada.** Esta é sobretudo uma consciência que se defende em relação a qualquer vir-a-ser, frente a qualquer apreensão do próprio condicionamento, impondo como sendo absoluto o que existe de um determinado modo. Acredito que o rompimento desse mecanismo impositivo seria recompensador.

- No que diz respeito à **consciência coisificada**, além disto é preciso examinar também a relação com a **técnica**, sem restringir-se a pequenos grupos. Esta relação é tão ambígua quanto a do **esporte**, com que aliás tem afinidade. Por um lado, é certo que todas as épocas produzem as personalidades - tipos de distribuição da energia psíquica - de que necessitam socialmente. **Um mundo em que a técnica ocupa uma posição tão decisiva como acontece atualmente, gera pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica.** Isto tem a sua racionalidade boa: em seu plano mais restrito elas serão menos influenciáveis, com as correspondentes conseqüências no plano geral.

- Por outro lado, **na relação atual com a técnica existe algo de exagerado, irracional, patogênico**. Isto se vincula ao "**véu tecnológico**". Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a **extensão do braço dos homens**. Os **meios** - e a técnica é um conceito de meios dirigidos à autoconservação da espécie humana - são **fetichizados**, porque os fins de uma vida humana digna - encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas. Afirmações gerais como estas são até convincentes. Porém uma tal hipótese ainda é excessivamente abstrata.

- Não se sabe com certeza como se verifica a fetichização da técnica na psicologia individual dos indivíduos, onde está o ponto de transição entre uma relação racional com ela e aquela supervalorização, que leva, em última análise, quem projeta um sistema ferroviário para conduzir as vítimas a Auschwitz com maior rapidez e fluência, a esquecer o que acontece com estas vítimas em Auschwitz. No caso do tipo com tendências à fetichização da técnica, trata-se simplesmente de pessoas **incapazes de amar**. Isto não deve ser entendido num sentido sentimental ou moralizante, mas denotando a **carente relação libidinal com outras pessoas**. Elas são inteiramente **frias** e precisam negar também em seu íntimo a possibilidade do amor, recusando de antemão nas outras pessoas o seu amor antes que o mesmo se instale. A capacidade de amar, que de alguma maneira sobrevive, eles precisam aplicá-la aos meios. As personalidades preconceituosas e vinculadas à **autoridade** com que nos ocupamos em *Authoritarian Personality*, em Berkeley, forneceram muitas evidências neste sentido.

- Um sujeito experimental - e a própria expressão já é do repertório da consciência coisificada - afirmava de si mesmo: "I like nice equipment" (Eu gosto de equipamentos, de instrumentos bonitos), independentemente dos equipamentos em questão. Seu **amor era absorvido por coisas**, máquinas enquanto tais. O perturbador - porque torna tão desesperançoso atuar contrariamente a isso - é que esta tendência de desenvolvimento encontra-se vinculada ao conjunto da civilização. **Combatê-lo significa o mesmo que ser contra o espírito do mundo;** e desta maneira apenas repito algo que apresentei no começo como sendo o **aspecto mais obscuro de uma educação contra Auschwitz.**

- Afirmei que aquelas **peessoas eram frias de um modo peculiar.** Aqui vêm a propósito algumas palavras acerca da **frieza**. Se ela não fosse um traço básico da antropologia, e, portanto, da constituição humana como ela realmente é em nossa sociedade; se as pessoas não fossem profundamente **indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras**, executando o punhado com que mantêm vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito. Em sua configuração atual - e provavelmente há milênios - **a sociedade não repousa em atração, em simpatia, como se supôs ideologicamente desde Aristóteles, mas na perseguição dos próprios interesses frente aos interesses dos demais.** Isto se sedimentou do modo mais profundo no caráter das pessoas. O que contradiz, o impulso grupal da chamada *lonely crowd*, da massa solitária, na verdade constitui uma reação, **um enturmar-se de pessoas frias que não suportam a própria frieza mas nada podem fazer para alterá-la.** **Hoje em dia qualquer pessoa, sem exceção, se sente mal-amada, porque cada um é deficiente na capacidade de amar.**

- A incapacidade para a identificação foi sem dúvida a condição psicológica mais importante para tornar possível algo como Auschwitz em meio a pessoas mais ou menos civilizadas e inofensivas. O que se chama de "participação oportunista" era antes de mais nada interesse prático: perceber antes de tudo a sua própria vantagem e não dar com a língua nos dentes para não se prejudicar. Esta é uma lei geral do existente. O silêncio sob o terror era apenas a consequência disto. A frieza da mônada social, do concorrente isolado, constituía, enquanto indiferença frente ao destino do outro, o pressuposto para que apenas alguns raros se mobilizassem. Os algozes sabem disto; e repetidamente precisam se assegurar disto.

- Não me entendam mal. Não quero pregar o amor. Penso que sua pregação é vã: ninguém teria inclusive o direito de pregá-lo, porque **a deficiência de amor, repito, é uma deficiência de todas as pessoas, sem exceção, nos termos em que existem hoje.** Pregar o amor pressupõe naqueles a quem nos dirigimos uma outra estrutura do caráter, diferente da que pretendemos transformar. Pois as pessoas que devemos amar são elas próprias incapazes de amar e por isto nem são tão amáveis assim. Um dos grandes impulsos do cristianismo, a não ser confundido com o dogma, foi apagar a frieza que tudo penetra. Mas esta tentativa fracassou; possivelmente porque não mexeu com a ordem social que produz e reproduz a frieza. Provavelmente até hoje nunca existiu aquele calor humano que todos almejamos, a não ser durante períodos breves e em grupos bastante restritos, e talvez entre alguns selvagens pacíficos. Os utópicos frequentemente ridicularizados perceberam isto. Charles Fourier, por exemplo, definiu a atração como algo ainda por ser constituído por uma ordem social digna de um ponto de vista humano.

- Também reconheceu que esta situação só seria possível quando os instintos não fossem mais reprimidos, mas satisfeitos e liberados. Se existe algo que pode ajudar contra a **frieza** como condição da desgraça, então trata-se do conhecimento dos próprios pressupostos desta, **bem como da tentativa de trabalhar previamente no plano individual contra esses pressupostos.** Agrada pensar que a chance é tanto maior quanto menos se erra na infância, quanto melhor são tratadas as crianças. Mas mesmo aqui pode haver ilusões. **Crianças que não suspeitam nada da crueldade e da dureza da vida acabam por ser particularmente expostas à barbárie depois que deixam de ser protegidas.**

- Mas, sobretudo, **não é possível mobilizar para o calor humano** pais que são, eles próprios, **produtos desta sociedade, cujas marcas ostentam**. O apelo a dar mais calor humano às crianças é artificial e por isto acaba **negando o próprio calor**. Além disto o amor não pode ser exigido em relações profissionalmente intermediadas, como entre professor e aluno, médico e paciente, advogado e cliente. **Ele é algo direto e contraditório com relações que em sua essência são intermediadas**. O incentivo ao amor - provavelmente na forma mais imperativa, de um dever - constitui ele próprio parte de uma ideologia que perpetua a frieza. Ele combina com o que é impositivo, opressor, que atua contrariamente à capacidade de amar. Por isto o primeiro passo seria **ajudar a frieza a adquirir consciência de si própria, das razões pelas quais foi gerada**.

- Para terminar gostaria ainda de discorrer brevemente a respeito de **algumas possibilidades de conscientização dos mecanismos subjetivos em geral, sem os quais Auschwitz dificilmente aconteceria**. O conhecimento desses mecanismos é uma necessidade; da mesma forma também o é o conhecimento da **defesa estereotipada**, que bloqueia uma tal consciência. Quem ainda insiste em afirmar que o acontecido nem foi tão grave assim já está defendendo o que ocorreu, e sem dúvida seria capaz de assistir ou colaborar se tudo acontecesse de novo. Mesmo que o esclarecimento racional não dissolva diretamente os mecanismos inconscientes - conforme ensina o conhecimento preciso da psicologia -, ele ao menos fortalece na pré-consciência determinadas instâncias de resistência, ajudando a criar um clima desfavorável ao extremismo. Se a consciência cultural em seu conjunto fosse efetivamente perpassada pela premonição do caráter patogênico dos traços que se revelaram com clareza em Auschwitz, talvez as pessoas tivessem evitado melhor aqueles traços.



- Além disso seria necessário esclarecer quanto à possibilidade de haver **um outro direcionamento para a fúria ocorrida em Auschwitz**. Amanhã pode ser a vez de um **outro grupo** que não os judeus, por exemplo os idosos, que escaparam por pouco no Terceiro Reich, ou os intelectuais, ou simplesmente alguns grupos divergentes. O clima - e quero enfatizar esta questão - mais favorável a um tal ressurgimento é o **nacionalismo ressurgente**. Ele é tão raivoso justamente porque nesta época de comunicações internacionais e de blocos supranacionais já não é mais tão convicto, obrigando-se ao exagero desmesurado para convencer a si e aos outros que ainda têm substância.

- De qualquer modo, haveria que mostrar as possibilidades concretas da resistência. Por exemplo, a história dos assassinatos por **eutanásia**, que acabaram não sendo cometidos na dimensão pretendida pelos nazistas na Alemanha, graças a resistência manifestada. A resistência limitava-se ao próprio grupo; e justamente este é um sintoma bastante notável e amplo da frieza geral. Além de tudo, porém, ela é limitada também em face da insaciabilidade presente no princípio das perseguições. Em última instância, qualquer pessoa não-pertencente ao grupo perseguidor pode ser atingida; portanto, existe um **interesse egoísta drástico a que se poderia apelar**. Enfim, seria necessário indagar pelas condições específicas, históricas, das perseguições. Em uma época em que o nacionalismo é antiquado, os chamados movimentos de renovação nacional são, ao que tudo indica, particularmente sujeitos a práticas sádicas.

O indígena Guarani-Kaiowá Denilson Quevedo Barbosa, de 15 anos, foi torturado e assassinado com três tiros na cabeça enquanto pescava na reserva de Caarapó. Outros dois indígenas que conseguiram escapar do ataque confirmaram que o crime foi cometido pelo filho do fazendeiro Aladino e seus jagunços.



- Finalmente, o centro de toda educação política deveria ser **que Auschwitz não se repita**. Isto só será possível na medida em que ela se ocupe da mais importante das questões sem receio de contrariar quaisquer potências. Para isto teria de se transformar em **sociologia**, informando acerca do jogo de forças localizado por trás da superfície das formas políticas. Seria preciso tratar criticamente um conceito tão respeitável como o da **razão de Estado**, para citar apenas um modelo: na medida em que colocamos o direito do Estado acima do de seus integrantes, o terror já passa a estar potencialmente presente.

- Em Paris, durante a emigração, quando eu ainda retornava esporadicamente à Alemanha, certa vez Walter Benjamin me perguntou se ali ainda havia algozes em número suficiente para executar o que os nazistas ordenavam. Havia. Apesar disto a pergunta é profundamente justificável. Benjamim percebeu que, ao contrário dos **assassinos de gabinete e dos ideólogos, as pessoas que *executam* as tarefas agem em contradição com seus próprios interesses imediatos, são assassinas de si mesmas na medida em que assassinam os outros.** Temo que será difícil evitar o reaparecimento de **assassinos de gabinete**, por mais abrangentes que sejam as medidas educacionais. Mas que haja pessoas que, em posições subalternas, enquanto serviçais, façam coisas que perpetuam sua própria servidão, tornando-as indignas; que continue a haver Bojeis e Kaduks, contra isto é possível empreender algo mediante a educação e o esclarecimento.

- Tradução: Wolfgang Leo Maar



Elementos de Anti-semitismo

- Atualmente, o anti-semitismo é considerado por uns como uma questão vital da humanidade, por outros como mero pretexto. Para os fascistas, os judeus não são uma minoria, mas a anti-raça, o princípio negativo enquanto tal; de sua exterminação dependeria a felicidade do mundo. No extremo oposto está a tese de que os judeus, livres de características nacionais ou raciais, formariam um grupo baseado na opinião e na tradição religiosas e nada mais. Só se poderia falar de características judaicas a propósito dos judeus orientais e, em todo caso, unicamente a propósito dos que ainda não foram inteiramente assimilados. Ambas as doutrinas são verdadeiras e falsas ao mesmo tempo.

- A primeira é verdadeira no sentido em que o fascismo a tornou verdadeira. Os judeus são hoje o grupo que, tanto prática como teoricamente, atraem sobre si a vontade de destruição que uma falsa ordem social gerou dentro de si mesma. Eles são estigmatizados pelo mal absoluto como mal absoluto... A outra, a tese liberal, é verdadeira enquanto idéia. Ela contém a imagem da sociedade na qual a cólera não se reproduz mais e está em busca de atributos nos quais possa se descarregar. Mas, ao colocar a unidade dos homens como já realizada por princípio, ela ajuda a fazer a apologia do existente. A tentativa de desviar a mais extrema ameaça mediante uma política de minorias e uma estratégia democrática é ambígua, como aliás o é a defensiva dos derradeiros burgueses liberais em geral. Sua impotência atrai o inimigo da impotência. A vida e o aspecto dos judeus comprometem a universalidade existente em razão de sua adaptação deficiente.
- ADORNO – HORKHEIMER, “Elementos do Anti-Semitismo: Limites do esclarecimento” (doravante EA), in: ADORNO – HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*, p. 157.
- EA, p. 157-158

- Ao mesmo tempo que se afirma que, economicamente, a dominação não seria mais necessária, os judeus são designados como o objeto absoluto de uma dominação pura e simples. Aos trabalhadores, que afinal são visados, ninguém o diz na cara (e com razão); os negros é preciso conservá-los em seu lugar; mas, quanto aos judeus, a terra precisa ser purificada deles, e o grito que reclama a exterminá-los como insetos encontra eco no coração de todos os fascistas em potencial de todos os países. Os racistas (*die Völkischen*) exprimem sua própria essência na imagem que projetam dos judeus. Sua ânsia é a posse exclusiva, a apropriação, o poder sem limites, a qualquer preço. O judeu, sobre o qual descarregam a própria culpa e que escarnecem como dominador, eles o pregam na cruz, repetindo interminavelmente o sacrifício em cuja eficácia não conseguem mais acreditar.
- EA, p. 157

- Os judeus liberais, que professaram a harmonia da sociedade, acabaram tendo que sofrê-la em sua própria carne como harmonia da comunidade étnica (*Volksgemeinschaft*). Eles acham que é o anti-semitismo que vinha desfigurar a ordem, quando, na verdade, é a ordem que não pode viver sem a desfiguração dos homens. A perseguição dos judeus, como a perseguição em geral, não se pode separar de semelhantes ordem. Sua essência, por mais que se esconda às vezes, é a violência que hoje se manifesta.
- EA, p. 158-159

- O anti-semitismo enquanto movimento popular foi sempre aquilo que seus instigadores gostavam de censurar aos socialdemocratas: o nivelamento por baixo. Os que não tem nenhum poder de comando devem passar tão mal como o povo. Do funcionário alemão aos negros do Harlem, os ávidos prosélitos sempre souberam, no fundo, que no final não teriam nada senão o prazer de que os outros tampouco teriam mais do que eles. A arianização da propriedade judaica (que, aliás, na maioria dos casos beneficiou as classes superiores) não trouxe para as massas do III Reich, vantagens muito maiores do que, para os cossacos, o miserável espólio que estes arrastavam dos guetos saqueadas. A vantagem real era uma ideologia parcialmente devassada. O fato de que a demonstração de sua inutilidade econômica antes aumenta do que modera a força de atração da panacéia racista (*völkisch*) indica sua verdadeira natureza: ele não auxilia os homens, mas sua ânsia de destruição. O verdadeiro ganho com que conta o “camarada de etnia”. (*Volksgenosse*) é a ratificação coletiva de sua fúria. Quanto menores são as vantagens, mais obstinadamente e contra seu próprio discernimento ele se aferra ao movimento... Sua utilidade para a dominação é patente. Ele é usado como manobra de diversão, como meio barato de corrupção, como exemplo terrorista. Os bandidos respeitáveis o subvencionam e os não respeitáveis o praticam.
- EA, p. 159

- ...Mas a figura do espírito social e individual que se manifesta no anti-semitismo, isto é, o enredamento pré-histórico e histórico ao qual fica preso enquanto tentativa desesperada de evasão, permanece em total obscuridade. Se um mal tão profundamente arraigado na civilização não encontra sua justificação no conhecimento, o indivíduo também não conseguirá aplacá-lo, ainda que seja tão bem-intencionado quanto a própria vítima. Por mais correta que sejam, as explicações e os contra-argumentos racionais, de natureza econômica e política, não conseguem fazê-lo, porque a racionalidade ligada à dominação está ela própria na base do sofrimento. Na medida em que agridem cegamente e cegamente se defendem, perseguidores e vítimas pertencem ao mesmo circuito funesto.
- EA, p. 159-160

- O comportamento anti-semita é desencadeado em situações em que os indivíduos obcecados e privados de sua subjetividade se vêem soltos enquanto sujeitos. Para as pessoas envolvidas, seus gestos são reações letais e, no entanto, sem sentido, como as que os behavioristas constataam sem interpretar. O anti-semitismo é um esquema profundamente arraigado, um ritual da civilização, e os *pogroms* são os verdadeiros assassinatos rituais. Neles ficam demonstrada a impotência daquilo que poderia refreá-los, a impotência da reflexão, da significação e, por fim, da verdade. O passatempo pueril do homicídio é uma confirmação da vida estúpida a que as pessoas se conformam.
- EA, p. 160

- Só a cegueira do anti-semitismo, sua falta de objetivo, confere uma certa verdade à explicação de que ele seria uma válvula de escape. A cólera é descarregada sobre os desamparados que chamam atenção. E como as vítimas são intercambiáveis segundo a conjuntura: vagabundos, judeus, protestantes, católicos, cada uma delas pode tomar o lugar do assassino, na mesma volúpia cega do homicídio, tão logo se converta na norma e se sinta poderosa enquanto tal. Não existe um genuíno anti-semitismo e, certamente, não há nenhum anti-semita nato. Os adultos, para os quais o brado pelo sangue judeu tornou-se uma segunda natureza, conheçam tão pouco a razão disso quanto os jovens que devem derramá-lo.
- EA, p. 160

- Os que exercem um domínio crispado sobre a natureza vêem na natureza atormentada o reflexo provocante da felicidade impotente. A noção de uma felicidade sem poder é intolerável pois só ela seria a felicidade pura e simples. O fantasma da conspiração de concupiscentes banqueiros judeus a financiar o bolchevismo é o sinal de uma impotência inata; a boa vida é o sinal da felicidade. Associa-se a isso a imagem do intelectual; ele parece pensar, o que os outros não se permitem, e não derrama o suor da fadiga e do esforço físico. O banqueiro e o intelectual, o dinheiro e o espírito, expoentes da circulação, são o sonho renegado daqueles que a dominação mutilou e de que ela se serve para sua própria perpetuação... A sociedade atual, onde os renascimentos e os sentimentos religiosos primitivos, bem como o legado das revoluções, está à venda no mercado; onde os chefes fascistas negociam atrás das portas o território e a vida das nações, enquanto o público esperto calcula o preço no rádio; a sociedade, onde a palavra que a desmascara se legitima por isso mesmo como recomendação para a admissão no banditismo político; essa sociedade, na qual a política não é mais somente um negócio, mas o negócio é a política inteira – essa sociedade se toma de indignação contra o retrógrado mercantilismo do judeu e designa-o como o materialista, o traficante, que deve recuar diante do fogo sagrado daqueles que erigiram o negócio em algo absoluto.
- EA, p. 161

- O patológico no anti-semitismo não é o comportamento projetivo enquanto tal, mas a ausência da reflexão que o caracteriza. Não conseguindo mais devolver ao objeto o que dele recebeu, o sujeito não se torna mais rico, porém, mais pobre. Ele perde a reflexão nas duas direções: como não reflete mais o objeto, ele não reflete mais sobre si e perde assim a capacidade de diferenciar. Ao invés de ouvir a voz da consciência moral, ele ouve vozes; ao invés de entrar em si mesmo, para fazer o exame de sua própria cobiça de poder, ele atribui a outros os “Protocolos dos Sábios de Sião”.
- EA, p. 176-177

- Ele (o sujeito) incha e se atrofia ao mesmo tempo. Ele dota ilimitadamente o mundo exterior de tudo aquilo que está nele mesmo; mas aquilo de que o dota é o perfeito nada, a simples proliferação dos meios, relações, manobras, a práxis sinistra sem a perspectiva do pensamento. A própria dominação que, mesmo sendo absoluta, é, em sentido próprio, sempre um mero meio, torna-se nessa projeção irrefreada, ao mesmo tempo, seu próprio fim e o fim de outrem, ou melhor, o fim em geral... Nos dois casos, o sujeito está no centro, e o mundo, que é uma simples ocasião de seu delírio, torna-se a totalidade impotente ou onipotente de tudo o que é projetado nele.
- EA, p. 177

PMAE Freud

- “O que é, então, um ‘grupo’? Como adquire ele a capacidade de exercer influência tão decisiva sobre a vida mental do indivíduo? E qual é a natureza da alteração mental que ele força no indivíduo?

A Personalidade Autoritária

Foram criadas as seguintes técnicas de coleta de dados : (1) questionários na forma de escalas de medição do anti-semitismo (AS), do etnocentrismo (E), do conservadorismo político e econômico (CPE) e do fascismo (F); (2) entrevistas de modelo clínico, aplicadas apenas aos sujeitos com altas e baixas pontuações nas escalas AS, E, CPE e F; (3) Testes de apercepção temática, ou testes rojetivos, para a corroboração e complementação dos dados obtidos pelas outras técnicas.

A amostra da pesquisa com um total de 2099 sujeitos , embora não obedecesse a critérios de representatividade estatística da população, era formada por adultos de 20 a 35 anos, nativos dos Estados Unidos, brancos, não pertencentes a minorias étnicas, não participantes de partidos e milícias políticas, com escolaridade suficiente (12 anos de estudo) para responderem aos questionários escritos, da classe sócio-econômica média, participantes de grupos tais como associações de trabalho, ocupação e recreação, sem conotação política.

Escala F

1. submissão autoritária, a agressividade autoritária,
2. o convencionalismo,
3. a projetividade,
4. a anti-intracção,
5. a preocupação com o comportamento sexual das pessoas,
6. a valorização do poder e da dureza,
7. a superstição e a estereotipia,
8. a destrutividade (ou visão catastrófica do mundo)e
9. o cinismo.

- Os dois primeiros traços são do caráter sado-masoquista, ou seja, do sujeito que se submete incondicionalmente à autoridade (masoquismo), e descarrega a agressividade nos grupos de contra-identificação (sadismo). A anti-intracção é a dificuldade do sujeito entrar em contato com a sua vida psicológica e desvalorizar sentimentos, emoções, ternura, sensibilidade, como se fosse, por isso, muito racional

- . Daí também decorre a sua valorização do poder e da dureza (quem é duro consigo mesmo, também o é com os demais); a projetividade é resultado de pulsões proibidas e negadas pelo sujeito que, no entanto, são exteriorizadas pela atribuição a outrem; a preocupação com o comportamento sexual das pessoas decorre tanto do sado-masoquismo como da projetividade, como se os outros realizassem as “sujeiras” que gostariam mas estão impedidos de realizar, etc.

Sobre a dissociação da consciência

-
- Há um texto de Theodor Adorno traduzido entre nós por Teoria da Semicultura ou Teoria da Semiformação. O termo original é “Halbbildung”. Se “Bildung” refere-se à formação cultural, em um sentido extrapedagógico, ou seja, não dependente apenas da formação escolar, semiformação seria um modo precário de apropriar-se subjetivamente da cultura. A onipresença do espírito alienado e aquilo que Adorno chamou de consciência dissociada, a incapacidade de estabelecer nexos entre a cultura aprendida e as questões humanas, dizem respeito à sua definição.

- Quando nos perguntamos como é possível que em pleno século 21, em uma época em que o acesso à informação é cada vez mais difundido, quando atingimos um estágio cultural – inclusive com a tecnologia digital - tão impressionante, as pessoas falem tantas bobagens, estamos diante do tema da semicultura. Semi-culto não seria apenas a pessoa quase formada, meio formada ou formada pela metade, ou até mesmo mal formada. O que está em jogo na semiformação é a cesura cognitiva. A rachadura não apenas cognitiva entre aquilo que se aprende e aquilo que se pensa e faz. A questão está certamente nos meios de formação, nas mediações culturais inconscientes que pesam sobre nós.
- Entre os nazistas, por exemplo, era comum a valorização da arte (não da arte moderna à qual Hitler denominou “degenerada”) e o desprezo pela humanidade. Eles não percebiam que a arte não era uma questão apenas estética – aliás, a arte nazista era péssima nesse sentido – mas também ética e política.

- **Sobre a impossibilidade de raciocinar**
-
- Como a cultura em geral nos afeta, de que modo nos formamos também a partir dela? Ora, a questão da introjeção da cultura diz respeito aos dados extrapedagógicos que nos formam, que entram em nossas vidas, nos tornando quem somos. Cultura é todo tipo de experiência com música, com todo tipo de texto, de arte, de hábito festivo, alimentar, social, político, todo hábito religioso, todo tipo de discurso, todo tipo de experiência com a linguagem nas suas diversas expressões. Nesse sentido, podemos nos colocar sem medo a questão da semi-formação: o que será que entendemos sobre isso tudo que nos toca, será que isso nos melhora como seres humanos?

- O termo Bildung tem o sentido da construção. Ele se refere à educação em sentido amplo, não apenas escolar, mas aquela à qual estamos ligados por toda a vida desde o nascimento até a morte. A instituição escolar associada ao mercado rebaixa a educação ao comércio de mercadorias. Rebaixa as pessoas a produtores e consumidores que devem apenas encaixar-se em um mercado. A dimensão criativa da vida, inclusive da vida econômica que é a que mais assusta o senso comum que consegue ver na educação o alcance apenas de uma vaga em um sistema, é deixada de lado. Além disso, a indústria cultural sob a qual formamos nossa percepção atual da vida providencia bens culturais que já carregam em si aquela dissociação da consciência de que falava Adorno. Isso quer dizer que a formação cultural é um verdadeiro perigo. Por isso, quando vemos pessoas que detém altos títulos usando não apenas de modo errado, mas muitas vezes, absurdo teorias críticas para fundamentar posturas nada críticas e até autoritárias, não devemos nos surpreender, ainda que seja necessário combater o uso indevido de teorias.

Pós-graduação em A Moderna Educação: metodologias, tendências e foco no aluno